



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA	-6. FEV. 1980	CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Qual deverá ser o grau de apatia de um português médio para permanecer indiferente a pantomina diplomática em cena desde Abril e que teve a sua apoteose num espantoso canção mundialista executado com maestria pelo V Governo presidencial?

Em nome de que bizarros tratados se permitiu e permite às representações diplomáticas dos países comunistas em Lisboa construir autênticos "bunkers", muros de Berlim (com holofotes e arame farpado) ou equiparem-se com avantajadas e numerosas antenas de rádio, quando em Moscovo, o No. 3 de Grofhol'ski Pereulok (embaixada portuguesa) é uma "open house" à curiosidade soviética, muito embora nada tenhamos que valha a pena espiar?

Por que razão embaixadores, cónsules, primeiros, segundos, terceiros secretários e centenas de adidos dos mais variados pelouros sarabandam por onde lhes apetece no território nacional (participando em comícios do PC, visitando UCP's ou mergulhando nas glaucas ondas do Atlântico...), quando as entradas e saídas dos nossos delegados

são controladas por porteiros-molossos e a circulação fora de Moscovo, por exemplo, é condicionada a autorizações a solicitar com 48 horas de antecedência e nem sempre concedidas?

Qual a explicação para a nossa embaixada aceitar passivamente o pessoal menor destacado pelos serviços especiais, não obstante saber-se que tal gente funciona em tempo inteiro para a KGB?

Qual o novo ordenamento jurídico internacional que pretende impor a países soberanos a nomeação de determinados funcionários para as agências especializadas da ONU, muito embora a preparação, a competência e o patriotismo de tais elementos sejam duvidosos?

A resposta a estas questões, intrincadas na aparência, é simplicíssima: o regafofe revolucionário incrementado ou consentido pelos sucessivos governos provisórios, constitucionais: a presidencial permitiu uma anestesia geral da população e, por outro lado, escancarou os "Negócios Estrangeiros" à subversão comunista desenvolvida pelo PC e vocacionou-os para o mundialismo atra-

## Em Moscovo

### Espias soviéticas seduzem funcionários da embaixada

"Diplomacia Paralela" mundializa os Negócios Estrangeiros

vés de pressões. A chamada diplomacia paralela.

Assiste-se, assim, a grotescas exhibições de supostos representantes de Portugal por tudo quanto é areópago mundialista ou países da Cortina de Ferro e do desalinhado Terceiro Mundo.

Na OIT são os apopléticos discursos da Intersindical denegrindo o País ou insultando os restantes membros da delegação; na UNESCO foram as manobras de Maria de Lurdes Pintassilgo para financiamento de actividades subversivas em Portugal (caso da Base-Frente Unitária de Trabalhadores) e as suas tentativas de igualizar Portugal ao Terceiro Mundo, esquecendo a nossa cultura e civilização seculares; na ONU, propriamente dita, tivemos o interessante socialista José Manuel Galvão Teles, "bon vivant", na prática, que se limitou a passear ani-

madamente por Nova Iorque, etc.

Igualmente enternecedora é a movimentação além-fronteiras dos conselheiros honorários da Revolução: Melo Antunes oferecendo uma "perniha" à Jugoslávia do futuro e recusando, com exemplar modéstia, um cargo de chefia no departamento de Ciência e Tecnologia das Nações Unidas, onde os seus conhecimentos de balística eram angustiadamente solicitados; Franco Charais, na Líbia, em arrebatamento revolucionário com Khadafi e os comités locais de subversão permanente; Vítor Alves, emérito peregrino, recusando-se "trair as comunidades portuguesas"...

"FROM RUSSIA WITH LOVE..."

Não menos curiosa e também imprópria, é a colaboração, voluntária ou involuntária, prestada

por funcionários com estatuto diplomático ou diplomatas de carreira aos serviços de espionagem soviéticos. No primeiro caso, incluem-se os militantes e simpatizantes comunistas (não poucas vezes esta condição foi exigida para o desempenho de cargos nos países do Leste) que, por inércia, são desleais a Portugal e, por conseguinte, não recalcitram em desvendar os nossos segredos de Polichinelos mas, o que é bastante mais grave, estão sempre prontos a defender os interesses dos seus patrões estrangeiros.

Na situação de "colaboradores involuntários" colocam-se os inexperientes, atirados sem preparação para um mundo de intrigas e armadilhas, montadas pela KGB com a finalidade de recrutar informadores e agentes. Dois elementos portugueses — um adido de Imprensa e, salvo erro, um

secretário — corroidos pelo "stress" que estadas prolongadas em Moscovo provocam, deixaram-se seduzir pelas primeiras espias introduzidas na nossa embaixada. Como resultado, criaram conflitos familiares e comprometeram-se irremediavelmente. Com a reconhecida filáucia latina, contaram às belas eslavas quanto sabiam, quanto não sabiam e, com certeza, por absoluta falta de imaginação, acabaram a deambular pelos corredores do edifício, suspirando e gemendo os amores interditos...

Em boa hora, para terminar com uma situação romântica falsa e supinamente caricata, os enamorados foram afastados da capital soviética. Um deles, porém, na primeira oportunidade e sob o pretexto de ir buscar um cão, regressou a Moscovo de onde, sem dúvida, houve dificuldade em fazê-lo regressar.

Muito mais responsável e digno de louvor foi o comportamento de um funcionário homossexual que, sujeito a fortes pressões e chantagem por parte da KGB, preferiu revelar a sua condição e solicitar imediata transferência.

A sordidez dos processos utilizados pelos serviços secretos russos requinta quando pretendem afastar uma "persona non grata", para a qual não descobrem pretexto oficial de expulsão. No caso ocorrido com um nosso compatriota, pararam-lhe um contacto no qual ele contraiu uma doença venérea. Sem delongas, colocaram-no perante o dilema de um absurdo internamento num dos célebres hospitais russos ou o abandono voluntário e imediato do país.

Este esquema "jamesbondiano" de quinta categoria, a aplicar a nações como Portugal, onde não se exige a mínima preparação profissional nem existe um serviço embrionário de contra-espionagem que nos proteja de ardis primários como os atrás expostos, é, por outro lado, bem relevador da deformação psicológica da classe dirigente soviética que não hesita em aplicar métodos infames e nada em acordo com a ortodoxia diplomática contra povos dos quais nada tem a temer e que, hospitaleiramente e por decência, pretendem evitar a merecidíssima reciprocidade de trato...